

INFLUÊNCIA DA MOTIVAÇÃO NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM

INFLUENCE OF MOTIVATION IN TEACHING LEARNING PROCESS

¹GEIDELIS, V.; ²JORGE, C. M.

^{1e2}Departamento de Psicologia – Faculdades Integradas de Ourinhos – FIO/FEMM

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo tratar da motivação na relação pedagógica. Descrevendo os tipos de motivação, os fatores externos e internos decorrentes da mesma, como as relações interpessoais nos diversos níveis de aprendizagem. O trabalho elaborado desenvolveu-se com a utilização de pesquisa bibliográfica para levantamento de dados, ressaltando artigos científicos, revistas online e livros, os quais asseguram a veracidade e seriedade do trabalho que possui como intuito suscitar a importância dos fatores motivacionais, considerando também seu viés psicológico. Ao conceituarmos de forma mais ampla a motivação chegamos a uma díade entre o motivo que leva um indivíduo à ação e sua propensão a repetir tal ato. Com esta visão estudaremos os fatores que levam à motivação, principalmente no meio discente, com a intenção de disseminar práticas que auxiliem os alunos a apresentarem melhor desempenho no processo de ensino-aprendizagem, assimilem novas ferramentas que os permitam transformar de forma positiva o meio em que vivem e também corrobore com a verificação/acompanhamento do professor e da família neste processo. Quando entendemos melhor a origem e modus operandi da motivação temos também a possibilidade de percebermos os fatores que levam à desmotivação. Referimo-nos a estas complexas variáveis, ao mesmo tempo intrínsecas e externas aos homens, que conotam a gênese, uma direção e um sentido dos comportamentos motivados como alvo de estudo deste trabalho, no sentido de compreender os fatores que impulsionam os alunos a busca da aprendizagem sem esquecer-se de considerar a mediação docente.

Palavras-chave: Aprendizagem. Motivação. Trabalho. Fatores Motivacionais.

ABSTRACT

This paper aims to address the motivation in the pedagogical relationship. Describe the types of motivation, external and internal factors arising from it, such as interpersonal relationships at different levels of learning. The work done was developed with the use of literature to survey data, highlighting scientific articles, online magazines and books, which ensure the veracity and seriousness of the work that has the intention to raise the importance of motivational factors, also considering its bias psychological. To conceptualize more broadly motivation came to a dyad between reason an individual action and its propensity to repeat such an act. With this vision we will study the factors that lead to motivation, especially among students, with the intention of disseminating practices that help students perform best in the teaching-learning process, assimilate new tools that will allow them to transform positively the environment in living and also corroborates with the verification / monitoring of the teacher and the family in this process. When we better understand the origin and modus operandi of motivation we also have the possibility to realize the factors that lead to demotivation. We refer to these complex variables, the same intrinsic and external time to men, which connote the genesis, a direction and a sense of motivated behaviors targeted study of this work, in order to understand the factors that drive the search students of learning without forgetting to consider the teaching mediation.

Keywords: Learning. Motivation. Work. Motivational Factors.

INTRODUÇÃO

Para entendermos melhor o que leva a motivação no meio escolar, achamos necessário entendermos como o ser humano aprende para que então possamos

analisar de forma mais aprofundada como tornar motivado o comportamento de busca pela aprendizagem.

No contexto do desenvolvimento humano, utilizamos como fonte teórica os estudos desenvolvidos por Piaget (Apud BOCK, 1999) devido a validação e conceituação do autor segundo este assunto. Quando adentramos em sua teoria somos apresentados a forma como se dá o desenvolvimento humano que é resultado da construção de um equilíbrio progressivo entre assimilação e acomodação, ou seja, conforme o organismo passa entre as fases do desenvolvimento ele assimila, organiza, relaciona o conteúdo aprendido com conteúdo similares adquiridos anteriormente. Este processo possibilita a aquisição de novas aprendizagens ao passo que são criadas bases que facilitam a aquisição de novos conhecimentos. Ainda para este autor o ser humano possui em seu aparelho genético a predisposição para a relação social o que é imprescindível para o desenvolvimento intelectual. Sobre o impacto da relação social no desenvolvimento humano Vygostky (apud BOCK, 1999) afirma que o seres humanos são sociais por essência e não existe uma "natureza humana" ou uma "essência humana", já que o indivíduo não pode ser pensado fora do contexto social, ou seja, ele se faz e se refaz no convívio social, o homem modifica o meio e o meio o modifica, ele é ativo.

Para Vygostky (apud BOCK, 1999), as relações humanas são sempre mediadas (ex: Usamos uma pá para fazer um buraco ou ainda usamos a linguagem para nos comunicar) e neste contexto surge o educação que possui papel de facilitar a mediação entre ensino-aprendizagem. Durante todo processo de desenvolvimento a motivação deve se fazer presente, inclusive no processo ensino-aprendizagem. Inicialmente, a partir do nascimento, o ser humano é envolvido em um meio onde a busca por satisfazer as necessidades básicas o motiva na medida em que é recompensado, sendo que esta busca possibilita o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social.

Para a Psicologia diversas são as teorias elaboradas no intento de explicar o modo pelo qual o comportamento humano é ativado e dirigido. Muitas destas teorias, que buscam a explicação para o processo da motivação, partem do princípio de que existe uma necessidade precursora que provoca o desencadeamento de uma ação, a qual sé embutida de certo direcionamento que visa o alcance de um objetivo específico. O que nos leva que o motivo do comportamento pode ser tomado como

um constructo criado para explicar a origem dos comportamentos que são dirigidos para algum objetivo (WINTERSTEIN,1992).

Indo um pouco mais adiante, vemos a necessidade de afinarmos a temática e enquadrá-la no cenário educacional brasileiro, para que posteriormente seja possível pensarmos em novas possibilidades de atuação. Ao analisarmos o quadro atual da educação no Brasil, notamos que cada vez mais tem se tornado complexo manter nos alunos o interesse pelos estudos, pesquisas realizadas mostram que cada vez mais as crianças chegam desmotivadas à escola, gerando assim um quadro de repetência e até mesmo de evasão escolar (INEP, 2009). Para tanto Zenti (2000) nos mostra que são muitos os problemas causados pela desmotivação e a mesma não possui uma receita mágica para extirpá-la, mas orienta que para se obter foco e atenção das crianças nas aulas é necessário um professor com sensibilidade desenvolvida e energia para enfrentar esse desafio. Assim, vários são estes desafios que ilustram a complexidade do contexto escolar para o educador o que para Lira(2013) um grande desafio que devemos lidar é a da desmotivação que se encontra presente dentro das salas de aula, e não é reconhecível apenas nos alunos, como também entre os professores. Estes últimos, após sua formação não recebem mais estímulos o que favorece o abandono de pesquisas e a intervenções mais significativas nesta área. Em contrapartida à este enquadramento, existe o esforço para modificar tal situação, onde se busca uma compreensão contextualizada que não enfatiza só problemas estruturais e instrumentais, mas também assinala soluções necessárias e possíveis para uma quebra de paradigma na educação brasileira.

A quebra de paradigmas é o grande desafio atual no qual educadores devem estar cientes e dispostos a enfrentar as razões que levam a ausência da motivação na aprendizagem, buscando através de estudos e troca entre pares, estratégias que contribuam para reverter o quadro.

Vivemos em um período de grandes mudanças na forma como a sociedade se organiza, assim como novas possibilidades se apresentam e são facilmente assimiladas entre os jovens, o advento da tecnologia ao nosso cotidiano tem trazido mais velocidade e acesso à informação como nunca tivemos a possibilidade de vivenciarmos antes e é neste momento que a educação se encontra em uma encruzilhada onde percebe estas mudanças mas ainda se pauta em conceitos e métodos ultrapassados de ensino. Apoiamo-nos na afirmação de POZO (2002) que resume a necessidade que nós educadores encontramos atualmente “Não só muda o

que se aprende, como também a forma como se aprende. A aprendizagem também precisa evoluir”. Ora se um dos principais objetivos da educação é a aprendizagem, a motivação torna-se essencial para este processo já que se encaramos a sua ausência (desmotivação) como um sintoma, teremos como dever desconstruir os métodos e ferramentas ultrapassadas até então utilizadas e desenvolver e descobrir novos caminhos mais concernentes com nosso quadro atual, sem esquecer de levar em consideração os direitos da pessoa humana e seu impacto na sociedade no qual vive.

DESENVOLVIMENTO

Comportamentos Humanos

Antes de definirmos do que se trata a motivação que nos valeremos no próximo tópico é importante nos questionarmos sobre a origem dos comportamentos humanos. Este assunto gerou e ainda gera muitas controvérsias devido a posições tomadas por diferentes vertentes de áreas que se ocupam do estudo do comportamento. Para ilustrar esta situação Cofer (apud TODOROV; MOREIRA, 2005, s/p) levanta que:

[...] há duas concepções, mais ou menos incompatíveis, da natureza humana. Uma delas sustenta que o homem é um ser essencialmente racional, seletivo, dotado de vontade, que conhece as fontes de sua conduta ou que está cômico das razões para a sua conduta e é, portanto, responsável por ela. O outro ponto de vista afirma por vezes que o homem, por natureza, é irracional, e que seus impulsos e desejos devem ser controlados pela força das sanções da sociedade.

Desde a Grécia Antiga temos relatos de pensadores (filósofos) que tentaram desvendar a origem dos pensamentos e comportamentos. A psicologia em si, que deve seu surgimento principalmente ao desenvolvimento das concepções filosóficas, foi ganhar status de ciência apenas no século XIX através de estudos de teóricos como Fechner, Weber e Wundt, que tentaram delimitar o campo de atuação da ciência psicológica, assim como sua metodologia e prática, o que levou a uma desvinculação da área de saber com a filosofia (BOCK, 1999).

Apesar de todo o esforço desenvolvido, ainda não existe um consenso sobre o tema que estamos desenvolvendo. Atualmente temos duas linhas de pensamento que estabeleceram certa hegemonia no campo dos estudos humanos, a Psicanalítica e a Behaviorista (Comportamentalista).

Na psicanálise, o pensamento e o comportamento são originados principalmente de demandas inconscientes, chamadas de pulsões. Apesar desta origem, não significa que o ser humano seja totalmente irracional, pois Freud considera que no desenvolvimento humano o organismo desenvolve um aparato (Ego e Superego) que o conecta à realidade e o possibilita internalizar as regras sociais. O papel desempenhado pelo Ego, que é a camada mais consciente do aparelho psíquico, tenta satisfazer as necessidades (pulsões) Inconscientes de acordo com as regras internalizadas pelo Superego (regras sociais) (BOCK, 1999).

Para o behaviorismo, o comportamento torna-se fator central de estudo, estes iniciados por Watson, o qual compreendia o comportamento não como uma ação isolada de um sujeito, mas como fruto da interação entre o que o sujeito faz e o respectivo ambiente onde esta ação ocorre. Os teóricos que seguiram Watson, passaram a tomar como ponto de partida esta interação entre indivíduo-ambiente, ou seja “o homem começa a ser estudado a partir de sua interação com o ambiente, sendo tomado como produto e produtor dessas interações.” (BOCK, 1999, p.45) Com isso podemos inferir que no behaviorismo o comportamento humano não seria algo inconsciente, até porque não se ocupam de tal definição, mas o que fica claro é que para estes teóricos os homens não seriam somente controlados por forças alheias a ele já que ao mesmo tempo que ele é impactado pelo meio ele também o transforma.

Não cabe a este trabalho o confronto entre estas teorias, porém seguiremos com o raciocínio que ambas tem em comum, ou seja, o comportamento humano não é fruto apenas de fatores inconscientes ou externos a ele, ele também ocorre de forma ativa, premeditada e logo racional. É importante ressaltarmos também a importância do ambiente neste processo que ao mesmo tempo que o sujeito o transforma, ele também é transformado por ele em uma relação dialética.

Definição de motivação

A motivação tem sido alvo de estudos para diversos fins e objetivos, como o industrial, escolar, acadêmico e outros, porém existe uma dificuldade quando tentamos delimitar o estudo deste evento, já que só podemos inferir se “uma pessoa está motivada com base em comportamentos específicos que a pessoa manifesta ou com base em eventos específicos que observamos estarem ocorrendo” (FERGUSON apud TODOROV; MOREIRA, 2005).

Todavia, a dificuldade de delimitação do objeto de estudo não impossibilitou a criação de teorias e até práticas para sustentá-las, mas nos ocuparemos disso um pouco mais adiante, neste momento achamos importante entendermos melhor a etiologia da palavra e seu significado para sermos o mais assertivos possível em sua explanação.

Etimologicamente a palavra motivação se deriva da palavra latina “Movere” que significa: deslocar, fazer mudar de lugar (Site de etimologia, s/p). Para Lopes (1980), o motivo é um estado que fomenta forças, move daí então motiva, ou melhor, dirige e até mesmo canaliza o comportamento que buscará corresponder aos objetivos.

Quanto aos seus significados da palavra motivação encontramos resultados muito semelhantes. Para o dicionário Michaelis ela diz respeito a um “**1** Ato de motivar. **2** Exposição de motivos. **3** *Psicol* Espécie de energia psicológica ou tensão que põe em movimento o organismo humano, determinando um dado comportamento” (Michaelis, s/p). Seguindo a mesma linha de raciocínio no dicionário Aurélio nos deparamos com as seguintes definições:

Ato ou efeito de motivar. Palavra popularmente usada para explicar por que as pessoas agem de uma determinada maneira. Em psicologia e nas outras ciências do comportamento, a palavra tem uso mais limitado. Alguns cientistas veem a motivação como fator que determina o comportamento, tal como expresso na frase “todo comportamento é motivado”.(Dicionário Aurélio, s/p).

Com a análise dos significados da palavra, podemos notar que “em sua definição, deverá haver referência a três componentes: o comportamento de um sujeito; a condição biológica interna relacionada; e a circunstância externa relacionada” (RAY apud TODOROV; MOREIRA, 2005). Existem, portanto, diferentes concepções de motivação ao considerarmos os diferentes sujeitos e suas subjetividades. Encontrando-se em grande parte das definições algumas palavras por vezes tomadas como sinônimas como: desejos, aspirações, metas, objetivos, estímulos, impulsos e necessidades.

Até então vimos o significado da motivação, mas como podemos inferi-la, ou ainda, como podemos notá-la no nosso cotidiano? Para responder estas perguntas, de forma simples Todorov e Moreira(2005) cita Mook:

Para cada ação que uma pessoa ou animal executa, nós perguntamos: 'Por que ele ou ela fez aquilo'. Quando fazemos esta pergunta, estamos perguntando sobre a motivação daquela pessoa ou animal... Questões sobre motivação, então, são questões sobre as causas de uma ação específica" (MOOK apud TODOROV; MOREIRA, 2005).

Sobre estas causas que constituem motivação Bergamini (1997) argumenta que ela provém de necessidades interiores do organismo, que desde o nascimento, busca a satisfação de seus desejos mais remotos, impulsionando-a assim a agir mediante comportamentos que proporcionará a satisfação dos desejos.

Para Chiavenato (2009, p. 50) "motivo é tudo aquilo que impulsiona a pessoa a agir de determinada forma ou, pelo menos, que dá origem a uma propensão a um comportamento específico". Este comportamento pode surgir tanto de um estímulo do ambiente quanto internamente a partir de processos mentais do sujeito.

Os autores Latham e Pinder (apud FERREIRA; PROENÇA; PROENÇA, 2008), descrevem a motivação como sendo um processo psicológico complexo que deve ser estudada à luz das interações entre indivíduos e o ambiente no qual está. Para eles o modo que ocorre a condução de energia para completar uma dada tarefa é o que vai direcionar o comportamento relacionado com o trabalho a ser realizado e conseqüentemente determinará sua forma, direção, intensidade e duração.

Existem diversos fatores que poderão influenciar na motivação, de acordo com Pittman e Heller (apud FERREIRA; PROENÇA; PROENÇA, 2008), sendo necessário observar os traços de personalidade, os valores e o contexto.

Em direção ao pensamento de Bergamini(1997), Campos(2003) explana que a motivação é a tentativa de explicar numa totalidade as ações humanas, em termos de causas ou condições e deve ser encarado como um estudo do motivo do comportamento visto nos propósitos, intenções, atitudes, interesses, impulsos, estimulações, ou energias que determinam a atividade. Sendo possível, ainda, destacar os três aspectos seguintes:

- Aspecto Energético: atividade como descarga de energia, tensões que o organismo produz.
- Aspecto Teológico: atividades simbólicas ou não, exprime regulação e direção do comportamento. Ser capaz de antever o fim e dirigir os meios é a principal característica deste aspecto para a motivação.

- Aspecto Genético: os resultados das experiências já vivenciadas, motivo, aprendizagem insubstituível, a experiência individual como fonte de explicação para atividade momentânea.

A motivação, então, desprende energia para o indivíduo buscar o que estabeleceu como metas. O comportamento procede de impulsos determinados por necessidades do organismo. Passa-se por um processo de motivação de forma circular (CAMPOS, 2003), sendo que a partir de uma necessidade gera-se uma ação que irá suscitar condições de ação, alterando o organismo de modo a modificá-lo preparando-o para novas necessidades. Este posicionamento também é defendido por Bergamini(1997), que afirma que:

Todo comportamento motivacional só existe em função de um estado interior de carência; portanto, quanto maior for este estado, maior será a motivação vigente, fazendo assim com que a necessidade seja sinônimo de motivação. Quanto maior a necessidade, maior a motivação. (BERGAMINI, 1997, p. 89).

Bergamini (1997), afirma que o comportamento motivacional poderá variar também para um mesmo indivíduo, a partir do momento que suprir sua necessidade outra poderá ocorrer suscitando interiormente no indivíduo novas motivações.

Fatores motivacionais

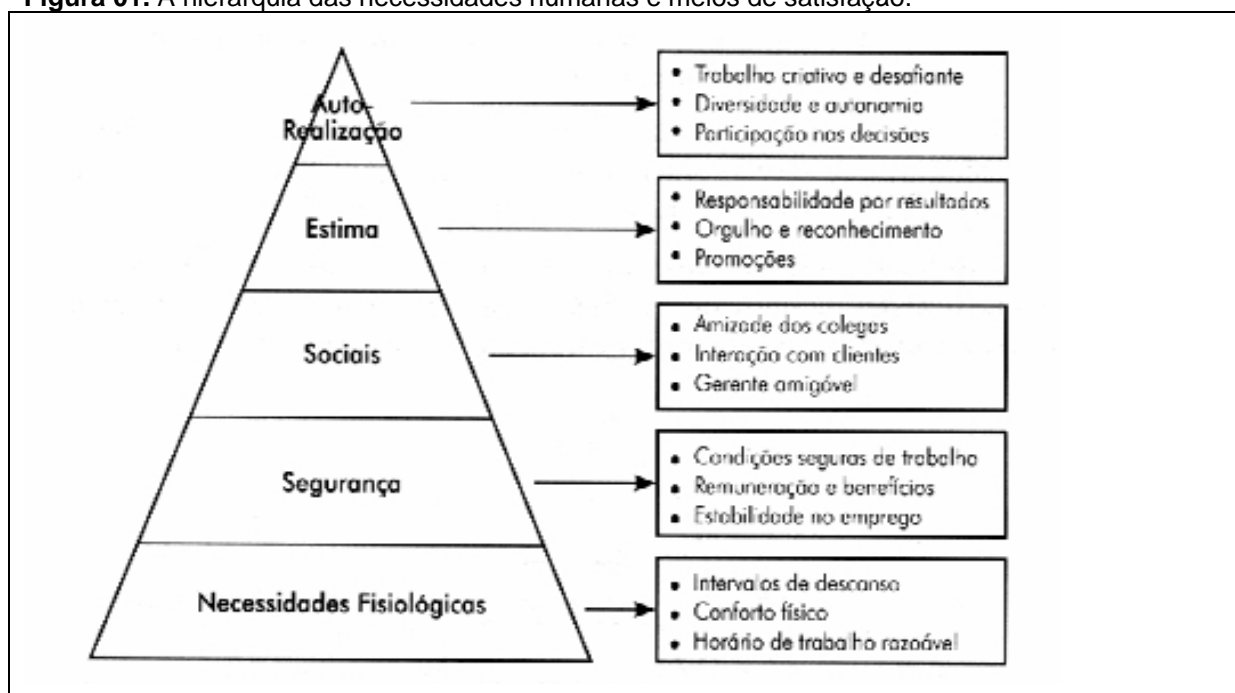
O psicólogo americano Maslow (CHIAVENATO, 2000) observou que a busca de satisfação das necessidades são realizadas dentro de uma sequência lógica, uma espécie de hierarquia, onde as necessidades que se encontram em nível mais baixo dominam o comportamento do indivíduo até obterem sua satisfação, quando este nível é alcançado entra em ação uma outra necessidade de nível mais elevado.

Com isso foi possível o desenvolvimento da teoria da Hierarquia das Necessidades onde, Maslow (apud CHIAVENATO, 2000), procura explicar quais as características necessárias para que as pessoas se sintam motivadas em determinadas situações e por necessidades específicas. Nesta teoria ele investiga quais são estas necessidades básicas que um indivíduo busca satisfazer, pois a motivação seria provocada pela deficiência de necessidades a serem satisfeitas. Maslow (CHIAVENATO, 2000) para tanto criou uma hierarquia destas necessidades divididas em cinco grupos:

- 1- Necessidades fisiológicas: constituem aquelas ligadas a sobrevivência do indivíduo e a preservação da espécie (Ex.: alimentação, sono, repouso, abrigo, etc.);
- 2- Necessidades de segurança: constituem a busca de proteção contra ameaça externas e a procura por satisfação de prazeres (Ex.: o abrigo, a segurança, a estabilidade, a proteção contra danos físicos e emocionais);
- 3- Necessidades sociais: incluem-se a necessidade de associação, de participação da vida social (Ex.: aceitação por parte dos companheiros, sentimentos de amizade, o afeto e o amor);
- 4- Necessidades de estima: envolvem a auto apreciação, a autoconfiança, a necessidade de aprovação social, de respeito, de status, prestígio e consideração, além de desejo de força e de adequação, de confiança perante o mundo, independência e autonomia.
- 5- Necessidades de auto realização: são as necessidades mais elevadas na hierarquia e dizem respeito da busca de cada pessoa em realizar o seu próprio potencial e se auto desenvolver continuamente.

Para facilitar a compreensão destes grupos hierárquicos, Maslow (CHIAVENATO, 2000) criou um informativo visual que ilustra simplificada como se dá esta organização. Para ele, as necessidades apresentam-se numa hierarquia de importância e urgência, conforme ilustrado na Figura a seguir:

Figura 01. A hierarquia das necessidades humanas e meios de satisfação.



Fonte: Chiavenato (2000, p. 395).

Segundo Maslow (CHIAVENATO, 2000) os três primeiros grupos podem ser denominados como de carência, já que é necessário que sejam satisfeitas para que cada indivíduo se sinta saudável e seguro. Os dois últimos grupos são consideradas de crescimento, pelo fato de se relacionarem ao desenvolvimento e realização do potencial pessoal.

Assim como Maslow, Hackman e Oldham (1975), desenvolveram uma teoria que tentava abarcar as características dos comportamentos motivados. Esta Teoria conhecida como “Características das Funções” citam 5 funções que tornam o trabalho em fonte de motivação:

1. Variedade: uma mesma atividade torna-se repetitiva, enquanto que uma com variedade de assuntos torna-se estimulante.
2. Identidade: não alienação da produção, conhecer e/ou participar do processo integralmente, o que possibilita a identificação do sujeito com o que produz.
3. Significado: diz respeito ao impacto do trabalho na vida dos outros.
4. Autonomia: possibilidade de organizar e controlar a produção, forma de trabalho e seus resultados.
5. Feedback: retorno do desempenho e progresso, feito com qualidade e em quantidade suficiente.

2.4. Motivação no processo ensino-aprendizagem

A motivação atualmente tornou-se um tópico bastante visitado devido ao seu impacto em diversos setores que envolvem nossas vidas, como no trabalho, lazer e na escola. Este último, que é alvo deste estudo, visa principalmente em encontrar condições para despertar o interesse dos alunos aos conteúdos programáticos a tal ponto que estes se sintam motivados a aprender. Segundo Bock (1999, p.21):

este processo “não é fácil, pois [...] precisa haver uma necessidade ou desejo, e o objeto precisa surgir como solução para a necessidade. Duplo desafio: criar a necessidade e apresentar um objeto adequado para sua satisfação. Resolver este problema é, sem dúvida, a tarefa mais difícil que o professor enfrenta.

A mesma autora levanta as seguintes possibilidades de atuação:

A – atuar partindo das demandas que o aluno traz e a partir disso criar associações com outros conteúdos;

B - Criar novos interesses nos alunos (esta prática não exclui a anterior).

A primeira vista, as propostas acima não esclarecem como seriam estas atuações, principalmente porque ainda paira a dúvida: como criar interesses nos alunos? A Bock(1999) apoiada nos pensamentos de Bruner elenca cinco fatores que propiciam a criação deste gatilho motivador nos alunos. Eles são:

1. Propiciar a descoberta. Neste caso o aluno deve ser desafiado, para que dessa forma sintam-se instigados a saber sobre determinado tema, e a forma de ativar este interesse seria através da possibilidade que ele terá de descobrir;
2. Desenvolver uma atitude de investigação entre os alunos, que aumente o desejo mais prolongado de saber, aliás de sempre querer saber, de tal forma que isso se torne um estilo de vida. Para desenvolver este comportamento o educador pode, através de atividades mais simples, iniciar a observação da realidade que cerca o aluno, assim como os objetos que fazem parte de seu cotidiano, de seu mundo físico e social. A sistematização destas observações gerarão dúvidas, assim como a forma que as coisas funcionam e são organizadas serão questionadas e neste momento será necessário investigar para descobrir.

3. Falar ao aluno sempre numa linguagem acessível, de fácil compreensão.
4. Para que os exercícios e tarefas sejam motivadores eles devem conter um nível adequado de complexidade, ou seja, atividades muito difíceis geram fracasso, enquanto que atividades fáceis não desafiam e levam a diminuição do interesse;
5. A compreensão e a utilidade daquilo que se aprende deve ter sua devida ligação com a realidade concreta que estes alunos vivenciam. No caso da aprendizagem, é fonte de motivação aqueles conteúdos que são úteis e fazem sentido para nossa vida.

Estes meios, elencados acima, torna possível a atuação de forma motivadora de educadores independentemente do nicho onde este processo ocorre, entretanto, este meio não deve ser deixado de lado pelo educador já que é nele onde os alunos aprendem, criam sua subjetividade, se relacionam e se identificam, cabe então ao educador estar atento a estas características do meio para sempre que possível torná-las em fatores de motivação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho pudemos confrontar alguns aspectos do comportamento humano assim como a possibilidade de não apenas inferir, como também reforçar e conduzir o comportamento motivado dentro da sala de aula. É conhecido que no quadro atual da educação no Brasil nos deparamos com um esquema desolador onde tanto alunos quanto professores são assolados pela falta de motivação devido a fatores diversos. Neste quadro chamamos a devida atenção para a desmotivação existente no corpo docente, já que se torna contraproducente que um profissional desmotivado estimule a motivação de terceiros. Apesar do atual prognóstico negativo, é possível iniciarmos uma quebra de paradigmas no sentido de transformar a educação mais significativa e contextualizada para aquele que aprende, sendo este fator primordial para o processo de motivação. Neste caso é importante perceber que os livros e o encarceramento dentro de salas de aula não devem mais ser considerados como pilares para produzir alunos motivados e que aprendem, pelo contrário, eles devem ser de tal forma estimulados a querer saber que este comportamento sejam motivados em si. Vislumbramos a necessidade tempestiva de

investimento estatal no setor da educação, em primeiro lugar para que seja garantido as condições básicas para o pleno desenvolvimento dos alunos e por outro maior estímulo para os educadores para que aprendam durante sua formação em como criar a motivação no contexto escolar e ao mesmo tempo criem novos conhecimentos que alavanquem nosso padrão de ensino.

REFERÊNCIAS

BERGAMINI, C. W. **Motivação nas organizações**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1997.

BOCK, A.M.B. **Psicologias: Uma introdução ao estudo da psicologia**. 13. Ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

BRASIL, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Anísio Teixeira. **Sinopse Estatística da Educação Básica 2007**. Acesso em 10 de abr. 2014. Disponível em: <<http://www.inep.gov.br/>>

CAMPOS, M. M. **Profissionais de educação infantil: desafios para a política educacional**. In: SEVERINO, A. J.; FAZENDA, I. C. A. (orgs.) Políticas educacionais: o ensino nacional em questão. Campinas: Papirus, 2003. p.151-161.

CHIAVENATO, I. **Desempenho humano nas empresas: como desenhar cargos e avaliar o desempenho para alcançar resultados**. 6. ed. Rev. e atual. Barueri: Manole, 2009.

FERREIRA; PROENÇA; PROENÇA. As motivações no trabalho voluntário. **Revista portuguesa e brasileira de gestão**. v. 7, n. 9, 43-53, 2008.

HACKMAN, J. Richard, OLDHAM, Greg R. Development of the Job Diagnostic Survey. **Journal of Applied Psychology**., v. 60, n. 2, 159-170, 1975.

LIRA, H.P.L. **A influência da relação professor-aluno na motivação/desmotivação à aprendizagem**. Acesso em 10. Abr. 2014. Disponível em: < http://bdm.bce.unb.br/bitstream/10483/5903/1/2013_PedroHenriquePereiraLira.pdf>

LOPES, T.V.M. **Motivação no trabalho**. Rio de Janeiro: FGV, 1980.

POZO, Juan I. **Aprendizes e mestres**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SITE DE ETIMOLOGIA. **Origem da palavra motivação**. Acesso em 3 abr. 2014. Disponível em: < <http://origemdapalavra.com.br/site/palavras/motivacao/>>

TODOROV, J.C.; MOREIRA, M.B. O conceito de motivação em psicologia. **Revista brasileira de terapia comportamental e cognitiva**, v. 7, 119-132.

WINTERSTEIN, P. J. Motivação, educação física e esporte. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 53-61, jan./jun, 1992.

ZENTI, L. Aulas que seus alunos vão lembrar por muito tempo: motivação é a chave para ensinar a importância do estudo na vida de cada um de nós. **Nova Escola**, São Paulo, v. 134, ago. 2000.